Recebido em: 28/02/2009 Emitido parece em: 04/03/2009 Artigo original

IMAGEM CORPORAL EM CRIANÇAS NA IDADE ESCOLAR

Graciane Silva de Sousa; Ana Paula Lopes de Souza; Juliana Martins Pereira

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa foi avaliar o que pensam meninos e meninas entre oito e dez anos sobre seus corpos, ou seja, sua imagem corporal e seu autoconceito em relação à aparência física e outros atributos pessoais. Para tanto aplicou-se questionário (teste do espelho e escala de silhueta) para 40 crianças com idade de oito a dez anos, sendo 21 meninas e 19 meninos, escolares de segunda a terceira séries do ensino fundamental de uma escola estadual no município de Bauru - SP. Constatou-se por meio da escala de silhueta que os meninos apresentaram índice de insatisfação com seu corpo mais alto que as meninas, no entanto, por meio do teste do espelho, verificou-se que as meninas sentem-se mais incomodadas quando estão fora de seu peso ou dos padrões estéticos considerados ideais. Conclui-se, portanto que na atualidade as crianças são tão cobradas quanto os adultos em relação à estética corporal, o que interfere diretamente em sua auto imagem. Como consequência observa-se aumento na quantidade de crianças insatisfeitas e tristes com seu corpo "fora" dos padrões ideais.

Palavras chave: Obesidade, autoimagem e criança.

ABSTRACT

The objective of the present research was to evaluate what boys and girls at the age between eight and ten think of their bodies, that is, body image and self awareness and it's relation to physical appearance and other attributes. For such, a questionnaire was applied (a mirror and a silhouette grading test) for 40 children with ages ranging from eight to ten, being 21 girls and 19 boys, attending from second to forth grades, elementary education of a state run public school in the city of Bauru - SP. One finding, through the silhouette grading test, was that the boys had presented dissatisfaction index regarding their bodies higher than the girls, however, by the means of the mirror test, it was verified that the girls felt themselves bothered more when it came to their weight or the considered ideal aesthetic standards. It is concluded therefore, that in the present time, the children are pressured as much as the adults in their body appearance and personal aesthetics, which interferes directly with their self image. As a consequence there is an increase in the amount of unsatisfied and displeased children regarding their bodies, which are considered standards misfits.

Key words: obesity, self-image and child.

INTRODUÇÃO

De acordo com Repetto (1998, apud Zottis, Lambronici, 2002), a obesidade é, segundo evidências históricas, provavelmente a enfermidade metabólica mais antiga que se conhece. Aparece há mais de mil anos em nossa história.

O mesmo autor afirma que desde o período Grego-Romano as complicações que a obesidade traz a saúde humana são descritas e podem ser observadas nos textos de Hipócrates, nos quais há descrições de que a morte súbita era muito mais frequente em obesos.

Era vista como uma doença social e moral não sendo uma condição que dependesse de tratamento, mas de disciplina, força de vontade e autoestima, visto que sua origem era atribuída a maus hábitos, inatividade física e até mesmo ao descuido.

Segundo Zottis (2008), os indivíduos obesos encontram dificuldades até mesmo nas tarefas mais simples da vida cotidiana, a própria higiene corporal e nos afazes domésticos. Realizá-los torna-se um desafio e perder peso significa recuperar a qualidade de vida e a autoestima, ou seja, retornar as atividades do cotidiano e reintegrar-se ao seu papel social.

Devido à supervalorização da estética e consequente rejeição social sofrida pelos obesos, com frequência eles desenvolvem depressão emocional entre outros distúrbios de comportamento e autoimagem, motivo pelo qual é imprescindível compreender a percepção que o indivíduo obeso tem sobre sua própria imagem.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a obesidade infantil vem aumentando no mundo inteiro, inclusive no Brasil. A obesidade é uma doença complexa, multifatoria,l caracterizada por excesso de tecido adiposo e determinada por vários fatores como: genéticos, culturais, físicos e até mesmo comportamentais. A OMS relata, ainda, que o cuidado na infância é um desafio, inclui mudanças de hábitos alimentares das crianças e de seus pais, que não entendem muitas vezes o real valor dessas mudanças para cura do problema (OMS, 1995).

Luiz et al (2005) afirmam que a obesidade infantil alcança índices preocupantes e sua ocorrência na população brasileira tem adquirido grande significância na área da saúde principalmente devido ao impacto que causa na vida da criança, trazendo consequências físicas, sociais, econômicas e psicológicas.

Segundo Hibert e Hibert (1974/1975 apud SimÕes e Meneses, 2007), a criança obesa tem dificuldade em aceitar-se como é, na medida em que tem receio de que os outros a achem ridícula, assim como sente dificuldade em aceitar sua própria imagem, e rapidamente começa a desconfiar que seus amigos fazem “troça” dela, que seus professores a lastimam e que seus pais lhe dizem mentiras a respeito do seu estado de saúde, contribuindo para que as crianças se fechem em si mesmas, tornando-se crianças apáticas, que não se interessam por nada, embora, na maior parte dos casos, suas capacidades intelectuais sejam tão boas ou até superiores às das outras crianças.

Para Mello, Luft e Meyer (2004 apud Simões e Meneses, 2007), o exercício físico é considerado uma atividade planejada, estruturada e repetitiva, que requer do individuo alguma aptidão física, e engloba potência aeróbica, força e flexibilidade. A criança que é pouco hábil no desporto, não se destaca, e muitas vezes se desmotiva e até desiste de sua prática.

Segundo Lerner e Gellert (1969, citados por Ogden, 1998/1999 apud Simões e Meneses, 2007) diante desse problema, observou-se que muitas vezes meninos e meninas pré-escolares atribuíam características positivas, como ser gentil, ter muitos amigos, ser feliz e educados a tipos que não eram obesos. As características negativas como ser brigão, chato, preguiçoso e superficial são mais atribuídas à criança obesa.

Comparando os dias atuais com períodos anteriores, podemos perceber que as brincadeiras infantis eram mais sadias, mais ativas e, em consequência disso, gastava-se mais energia. Hoje em dia, com a evolução e modernização, os jogos infantis são predominante eletrônicos como: vídeo games, computadores e até a televisão, diante dos quais as crianças despedem horas.

Mediante os dados mencionados, e constatada a incidência de obesidade e sobrepeso em um número significativo de crianças em idade escolar, na atualidade, atentou-se para a necessidade de saber como as crianças veem seus corpos e averiguar se têm algum problema relacionado a isso.

Especialmente, se existe diferença entre o “corpo de menino” e o “corpo de menina”, não no sentido fisiológico ou estético, mas sim na maneira como esses indivíduos julgam sua aparência.

E, ainda, avaliar o que pensam meninos e meninas entre oito e dez anos sobre seus corpos, ou seja, sua imagem corporal e seu autoconceito em relação a aparência física.

METODOLOGIA

Os participantes do estudo foram quarenta crianças com idade de oito a dez anos, sendo 21 meninas e 19 meninos, escolares de segunda a terceira séries do ensino fundamental, na Escola Estadual José Viranda, situada no bairro Souto Giunta na cidade de Bauru. Foram divididos em dois grupos: feminino, com idade média de nove anos e masculino idade média de 8,95.

De acordo com Resolução 196/96 do Ministério da Saúde, o aspecto ético foi considerado através da obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos pais para que seus filhos fossem submetidos à avaliação. O projeto foi submetido e aprovado pelo comitê de ética das Faculdades Integradas de Bauru.

Os participantes foram avaliados por meio da Escala de silhueta, de acordo com Tiggeman e Barrett (1998, apud Triches e Giugliane, 2007), e do teste do Espelho adaptado de Pietro, Silveira, Silveira (2003).

Também foi elaborada uma ficha, com objetivo de caracterizar os participantes em termos de idade, gênero, ano de escolaridade, bem como discriminar os sujeitos obesos e não obesos, através de acesso ao valor de IMC (índice de massa corporal) calculado por meio da divisão entre o peso em quilogramas e o quadrado da altura em metros.

Para realização dos testes e medidas as crianças vestiram o uniforme escolar (bermuda ou calça de malha, camiseta e descalços).

Após preencher a ficha de identificação, foi apresentado à criança o desenho das silhuetas, de acordo com as quais elas indicaram com qual se pareciam e com qual gostariam de se parecer. Posteriormente responderam ao teste do espelho.

Durante a aplicação dos questionários foi realizada entrevista informal com os participantes, ocasião em que relatavam opiniões sobre sua imagem corporal.

RESULTADOS

Apresenta-se, a seguir, ficha de identificação e legenda dos participantes.

Tabela 1. Perfil das meninas participantes.

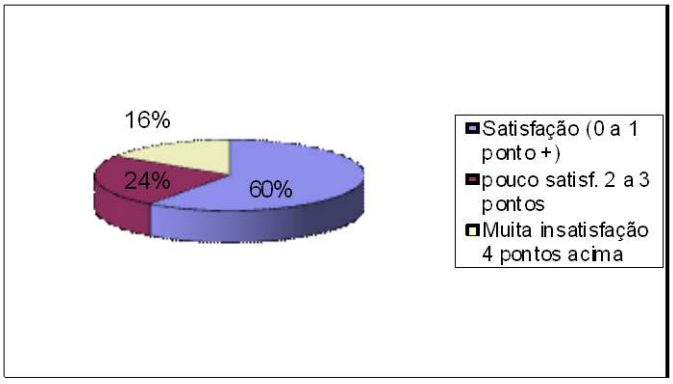
GÊNERO	IDADE	ANO ESCOLAR	PESO	ALTURA	IMC
A1	8 anos	2ª série	39,400	1,32	22,64
A2	9 anos	3ª série	28,900	1,38	15,21
A3	8 anos	2ª série	42,000	1,30	24,85
A4	9 anos	3ª série	28,100	1,27	18,48
A5	9 anos	3ª série	24,300	1,29	14,63
A6	10 anos	3ª série	36,300	1,41	18,33
A7	9 anos	2ª série	29,500	1,33	16,76
A8	10 anos	3ª série	39,800	1,38	20,94
A9	9 anos	3ª série	24,800	1,30	14,67
A10	9 anos	3ª série	31,400	1,32	18,04
A11	9 anos	3ª série	34,300	1,36	18,64
A12	9anos	3ª série	24,300	1,29	14,63
A13	10 anos	3ª série	41,800	1,41	21,11
A14	8 anos	3ª série	44,100	1,44	21,30
A15	9 anos	3ª série	22,400	1,21	15,34
A16	9 anos	3ª série	28,000	1,36	15,21
A17	9 anos	3ª série	30,100	1,29	18,13
A18	9 anos	3ª série	26,100	1,29	15,72
A19	9 anos	3ª série	22,000	1,28	13,49
A20	9 anos	3ª série	24,000	1,26	15,18
A21	9 anos	3ª série	27,600	1,33	15,68

Tabela 2. Perfil dos meninos participantes.

GÊNERO	IDADE	ANO ESCOLAR	PESO	ALTURA	IMC
O1	8 anos	2ª série	33,800	1,24	30,45
O2	9 anos	3ª série	40,900	1,44	19,75
O3	9 anos	3ª série	24,100	1,37	12,88
O4	9 anos	3ª série	43,300	1,45	20,61
O5	9 anos	3ª série	28,100	1,30	16,62
O6	9 anos	3ª série	32,100	1,34	17,93
O7	8 anos	2ª série	33,900	1,34	18,93
O8	9 anos.	3ª série	26,500	1,36	14,40
O9	10 anos	3ª série	32,400	1,38	17,05
O10	8 anos	3ª série	18,900	1,22	12,77
O11	10 anos	3ª série	31,000	1,38	16,31
O12	10 anos	3ª série	30,000	1,38	15,78
O13	9 anos	3ª série	30,200	1,35	16,59
O14	9 anos	3ª série	40,200	1,43	19,70
O15	9 anos	3ª série	31,000	1,33	17,61
O16	8 anos	2ª série	45,000	1,37	24,06
O17	10 anos	3ª série	31,700	1,32	18,21
O18	9 anos	3ª série	40,000	1,34	22,34
O19	8 anos	3ª série	19,800	1,23	13,11

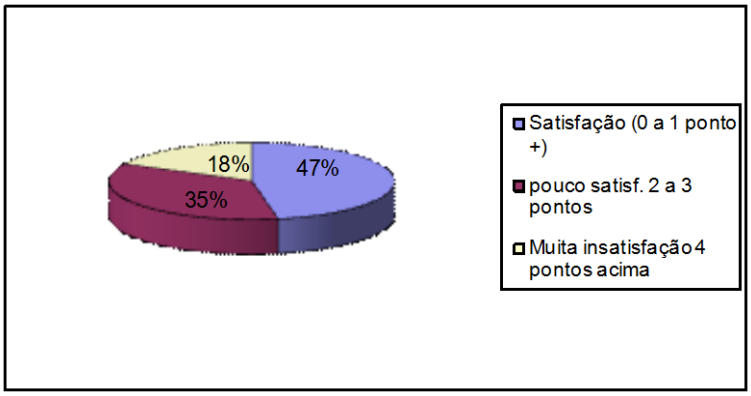
As figuras abaixo explicitam a diferença entre a silhueta atual e a desejada, entre meninas e meninos.

Figura 1. Diferença entre a silhueta atual e a desejada pelas meninas.



A figura apresentada acima demonstra que 60% das participantes do sexo feminino estão satisfeitas com a imagem corporal, 24% pouco satisfeitas (2 a 3 pontos) e 16% muito insatisfeitas (4 pontos acima). Apresenta-se a diferença entre silhueta real e a silhueta desejada, evidenciando-se assim o índice de insatisfação das meninas em relação ao seu corpo.

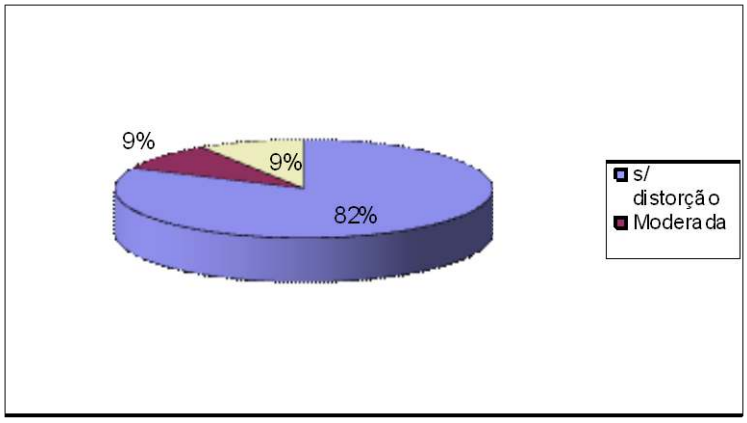
Figura 2. Diferença entre a silhueta atual e a desejada pelos meninos.



Na figura acima 47% dos participantes do sexo masculino estão satisfeitos com a imagem corporal, 35% pouco satisfeitos (2 a 3 pontos) e 18% muito insatisfeitos (4 pontos acima). Apresenta-se a diferença entre a silhueta real e a silhueta desejada, evidenciando-se assim o índice de insatisfação dos meninos em relação ao seu corpo.

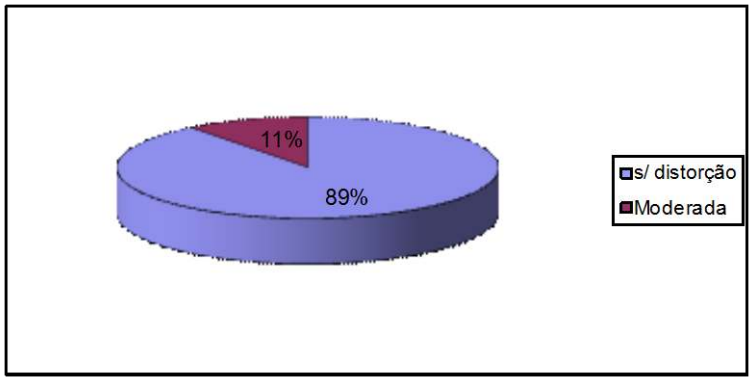
Já no que se refere ao Teste do Espelho, adaptado de Pietro, Silveira, Silveira (2003), os resultados encontram-se expressos nas figuras abaixo.

Figura 3. Distorção Corporal Feminina.



A figura acima demonstra que 82% das participantes do sexo feminino obtiveram resultado de distorção menor que 70 pontos (sem distorção), 9% entre 90 a 110 pontos (distorção moderada) e 9% apresentaram distorção intensa (acima de 110 pontos).

Figura 4. Distorção Corporal Masculina.



A figura acima demonstra que 89% dos participantes masculinos obtiveram resultado de distorção menor que 70 pontos (sem distorção) e 11% entre 90 e 110 pontos (distorção moderada).

DISCUSSÃO

De acordo com Russo (2005), a imagem corporal é a maneira pela qual o corpo se apresenta para si próprio. Já para Bertagnoli, Siqueira e Lopes (2008) esse termo se refere ao corpo como "experiência psicológica" e tem estreita relação com os movimentos.

No que se refere ao nosso trabalho, antecedendo a participação da criança na pesquisa, era enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para seus pais, a fim de consultá-los sobre a participação de seu filho.

Nessa etapa, notou-se que os pais de crianças com Índice de Massa Corporal mais alto que o adequado eram resistentes quanto à autorização, talvez por medo ou receio de que seu filho fosse exposto a alguma situação desagradável ou passasse por algum constrangimento.

Dada essa dificuldade inicial, grande parte das crianças com sobrepeso ou obesas não participaram da pesquisa, fazendo com que modificássemos o objetivo inicial (comparar a autoimagem entre crianças com sobrepeso, obesas e com peso adequado).

Nesse sentido, redefinimos o objetivo do trabalho, propondo uma comparação entre a satisfação de meninos e meninas em relação a seu corpo.

Por meio da Escala de Silhueta, verificamos se a criança realmente tinha consciência de seu corpo e se estava satisfeita com ele.

Consideramos satisfeitas as crianças que apontavam seu corpo atual e ideal na mesma figura da escala, ou apenas a figura ao lado.

Já as crianças que apontavam figuras dois ou três pontos distantes foram consideradas moderadamente insatisfeitas. Apenas as crianças que apontavam figuras quatro ou mais pontos distantes foram consideradas realmente insatisfeitas com sua silhueta atual.

Dessa forma, 18% demonstraram não estarem satisfeitos com o corpo que têm atualmente. Isso pode ser explicado pela cobrança relacionada à estética corporal, por meio da mídia ou até mesmo dos familiares das crianças.

Esperava-se, inicialmente que as meninas tivessem um índice de insatisfação mais alto que os meninos, em relação ao próprio corpo, uma vez que as meninas questionadas já têm comportamento "adulto", se vestem com roupas parecidas com as de suas mães, têm uma vaidade mais acentuada que os meninos com essa mesma faixa etária.

No entanto, o que se viu foi uma insatisfação maior entre os meninos.

Possivelmente, isso acontece devido ao fato dos meninos terem desejo de possuir um corpo forte e atlético, mesmo que ainda sejam magrinhos, ou estejam distantes do corpo que consideram ideal. Nesse sentido, apresentam certa insatisfação, mas isso não os incomoda a ponto de apresentarem distorção em relação ao corpo (visão distorcida da própria imagem).

Outros 11% estão moderadamente insatisfeitos, não apresentam esse tipo de preocupação, nem no momento de uma prática esportiva, ou quando devem tirar a camisa em meio a outras pessoas.

Já no que se refere às meninas, embora tenham apresentado nível de insatisfação menor que os meninos, quando apontaram na Escala de silhueta a diferença entre o corpo atual e o desejado, aquelas que estão insatisfeitas parecem se preocupar mais com isso.

Essa afirmação se deve ao resultado dos questionários, uma vez que 82% não tem nenhum tipo de distorção, já 9% apresentam uma distorção moderada (provavelmente enxergam seu corpo ligeiramente diferente do que é na realidade) 9% tem distorção intensa, apresentando extrema autocrítica em relação ao seu corpo, comparando-o com o de outras pessoas e, possivelmente, formulando uma autoimagem diferente do que se apresenta na realidade.

Talvez, a cobrança em relação ao próprio corpo seja fruto dos meios de comunicação, que, segundo Russo (2005) encarregam-se de criar desejos e reforçar imagens, padronizando corpos. Corpos que se veem fora de medidas, sentem-se cobrados e insatisfeitos.

O reforço dado pela mídia em mostrar corpos atraentes faz com que uma parte de nossa sociedade se lance na busca de uma aparência física idealizada. Atualmente, podemos associar o corpo à ideia de consumo.

Em um site especializado em comportamento e moda, consta a seguinte informação:

> Nas sociedades de consumo, o fenômeno do "culto ao corpo" contemporâneo se modela a partir de uma estética mercadológica. O corpo aspira ser valorizado numa dimensão simbólico-cultural, e para adquirir esse valor, a otimização corpórea se faz armada com o arsenal de cuidados. A atual cultura do consumo é uma cultura da comunicação visual e do *body image*. Em tempos em que o corpo se tornou "o mais belo objeto de consumo", tende-se a valorar o corpo cultivado sob a moral da silhueta impecável e vestido de acordo com o glamour moral da máscara da época: as superficialidades revelam uma moral, um quadro de atitudes e valores, uma visão de mundo, um ponto de vista estético e uma filosofia do cotidiano. (www.fashionbubbles.com, 2008)

A obesidade, atualmente, tem sido tratada como doença. Nossa sociedade cobra um corpo magro e "em forma". Talvez por isso, as crianças obesas e com sobrepeso estejam apresentando um nível de distorção bem acima das que estão com o IMC na média para sua idade. Como consequência disso, elas podem ser alvo de gozações e piadas por parte de seus colegas, o que gera preocupação de seus pais.

Nesse sentido, muitos pais cobram de seus filhos um cuidado grande com o corpo, desde a infância, colocando-os em escolinhas de esportes, aulas de balé, judô, além de regularem com frequência a alimentação das crianças.

Como A1 relatou, seus pais se preocupam bastante com seu peso, tocam nesse assunto com frequência, e cobram dela também essa preocupação. Quando ela está ao lado de sua prima (magra), ela compara seu corpo com o dela, provavelmente se colocando em posição inferior.

Desta forma, obtive as seguintes informações da participante:

"... Me preocupo tanto que penso sempre, que não posso engordar..." (A1)

Já para o menino participante ao perguntarmos a ele quanto à forma de seu corpo, nos disse:

"... Acho que tudo é bem redondinho, principalmente meu bumbum..."

(O1)

Sobre essa comparação Bertagnoli, Siqueira e Lopes (2008) dizem que cada um elabora a imagem de seu corpo à sua própria maneira, acentuando ou modificando as diferentes partes em função dos mecanismos de sua personalidade e de toda sua vivência passada e presente.

O mesmo autor constata que elaboramos nossa imagem corporal com base não só em nosso próprio corpo, mas também, tomando como referência o corpo do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como pressuposto que o objetivo do presente trabalho era avaliar a imagem corporal de crianças de oito a dez anos, e o nível de satisfação dessas crianças com seu corpo, definiu-se imagem corporal não só como uma construção cognitiva, mas sim como reflexo de desejos, atitudes e emoções das crianças participantes da pesquisa, ou seja, como construíram essa imagem e até que ponto preocupam-se com seu corpo.

Observou-se desde o início da pesquisa que, muitas vezes, a preocupação maior se refere aos pais de crianças que estão acima de seu peso ideal, pois alguns negaram o consentimento para que seu filho participasse de nosso trabalho, talvez com medo de exposição ou constrangimento.

Nesse sentido, constatamos que ao tentar proteger ou mesmo cobrar de seu filho algum tipo de mudança física ou de comportamento (comer menos, emagrecer, ser mais ativo) os pais influenciam na maneira como a criança encara seu corpo.

Ainda que, se compararmos os resultados de nossa pesquisa com resultados de pesquisas realizadas em adultos encontramos resultados bem mais altos em relação à distorção da imagem

corporal entre adultos, é preocupante que algumas crianças entre oito e dez anos de idade sintam-se excessivamente preocupadas e insatisfeitas com seu corpo.

Como consequência disso, a cada dia aumenta o número de casos de bulimia, anorexia, comportamentos socialmente inadequados, depressão, em crianças em idade escolar, o que era impensável há algumas décadas.

REFERÊNCIAS

BERTAGNOLI, M.D.; SIQUEIRA, R.D.; LOPES, D.V. Esquema e imagem corporal em crianças com pc. Disponível em: <http://www.fisioneuro.com.br/ver_pesquisa.php?id=26>Acesso em 30 Outubro 2008.

LUIZ A.M.A.G.; GORAYEB R.; LIBERATORE JUNIOR R.D.R.; DOMINGOS, N.A.M. Depressão ansiedade e competência social em crianças obesas. **Estud. psicol.** Natal, 10, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v10n1/28006.pdf>. Acesso em 19 fev. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE (OMS) **Obesidade Infantil,** 1995. Disponível em: <http://www.hcpa.ufrgs.br/dowloads/nutrologia/dicas/pacientes/obesidade_infantil.pdf>. Acesso em 11 mar. 2008.

PIETRO M.C.; SILVEIRA E.D.X.; SILVEIRA D.X. Teste: A imagem que você faz do próprio corpo corresponde a realidade? **Revista Época**, 247, 2003. Disponível em: http://revistaepoca.globo.com/ Revista/Epoca/0,,EDG55519-6014,00-ESTE+A+IMAGEM+QUE+VOCE+FAZ+DO+PROPRIO+CORPO+ CORRESPONDE+A+REALIDADE.html>. Acesso em 11 mar. 2008.

RUSSO, R. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, 2005. disponível em: <www.unipinhal.edu.br/movimentopercepcao/include/getdoc.php?id=147&article=39&mode=pdf>. Acesso em 24 out. 2008.

SIMÕES D., MENESES R.F. Auto-conceito em crianças com e sem obesidade. **Psicol. Reflex. Crit.** 20 , 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722007000200010&script=sci_ abstract&tlng=pt>. Acesso em 19 fev. 2008.

TRICHES R.M., GIUGLIANI E.R.J. Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da região Sul do Brasil. **Rev. Nutr** 2007. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=51414-52732007000200001&ing=pt&nrn=iso>. Acesso em 19 fev. 2008.

ZOTTIS C., LABRONICE L. O corpo obeso e a percepção de si. **Cogitari Enfermagem** 2002, 7. Disponível em: <ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/viewPDFInterstitial/1665/1391>. Acesso em 19 fev. 2008.

_____. **Corpo na moda a perspectiva teórica da relação entre moda e corporeidade,** 2008. Disponível em:<www.fashionbubbles.com/2008/o-corpo-na-moda-a-perspectiva-teorica-da-relacao-entre-moda-e-corporeidade> Acesso em 24 out. 2008.

Faculdades Integradas de Bauru
Curso de Bacharelado em Educação Física